

Barbarizando o inimigo: o discurso nacionalista do jornal Diário dos Campos durante a 2ª Guerra Mundial

Caroline Loise Dähne (UEPG)

A Segunda Guerra Mundial provocou uma grande alteração no modo de vida das pessoas, na economia, nos mapas e em diversos outros setores da sociedade. Entre os anos de 1939 e 1945 o mundo passou por um de seus períodos mais conturbados, transformações ocorreram não só nas inovações da tecnologia bélica e estratégias de confronto, mas também na cultura da guerra, a partir desse momento houve o envolvimento da sociedade como um todo. As Guerras Mundiais diferem das guerras anteriores pela maneira que atingiram a população civil ocasionando um alto número de morte de pessoas que não estavam diretamente envolvidas no conflito, tal fenômeno é nomeado por Eric Hobsbawm (1995) como “Guerra de Massas”.

Uma das principais características dessa guerra foi o envolvimento dos Estados Totalitários, cujos governos autoritários eram marcados pela exacerbação do nacionalismo. Nesses casos, as ações dos governos e exércitos se justificavam na busca da defesa da política, da cultura e da economia de tais nações contra o inimigo.

Muito se discute sobre a política de neutralidade brasileira nesse período, afinal até o início do ano de 1942 o país não havia se posicionado em apoio a nenhum dos grupos envolvidos e mantinha relações econômicas e políticas com a Alemanha e com os Estados Unidos, países que eram de grupos opostos no conflito.

Apesar da simpatia do governo brasileiro pelos fascismos europeus- visto que o Estado Novo, comando por Getúlio Vargas, possuía características semelhantes aos regimes ditatoriais vigentes na Europa, como um governo centralizado e autoritário- o Brasil passou a fazer acordos com os EUA em troca de algumas vantagens econômicas, o que acabou abalando essa política de neutralidade.

No período de fevereiro a julho de 1942, alguns navios mercantes destinados a levar matérias primas para os EUA, foram atingidos por submarinos alemães. Desde então, a população brasileira passou a cobrar do governo um

posicionamento em relação ao conflito. Diante disso, em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra oficialmente contra a Alemanha e a Itália.

Embora tenham ocorridos ataques na costa brasileira a navios mercantes, o conflito não voltou a ocorrer efetivamente em território nacional. Roney Cytrynowicz (2000) aponta que para aproximar a imagem distante e remota da guerra foram produzidas pelo governo “sensações de guerra”, como a escassez de determinados produtos e a imposição de uma disciplina, educando a população em relação à guerra juntamente aos ideais do Estado Novo e criando uma iniciativa anti-Eixo.

Nesse sentido, o governo do Estado Novo passou a realizar uma mobilização referente à guerra, tal empreitada buscava a criação de um *front* interno, o qual deveria ter função pedagógica preparando a população brasileira frente ao conflito.

Com isso, iniciou-se um amplo projeto de construção de uma identidade nacional, diversos autores mencionam como o governo aproveitou tal mobilização para realizar um alinhamento da sociedade brasileira. Marialva Barbosa (2007, p. 105), aponta que no início da década de 1930 começou a surgir a noção de sociedade de massas, a qual definia o indivíduo por sua desorientação, o governo então passou a se responsabilizar por orientar esse indivíduo que segundo essa noção quando unido a um grupo formava uma massa amorfa.

Para que essa mobilização alcançasse grande parte da população, o governo viu na imprensa um ótimo veículo de divulgação de informações. Tanto o rádio como os jornais foram amplamente utilizados para difundir princípios doutrinários e a simbologia do regime do Estado Novo. A partir de então, os jornais passaram a publicar discursos visando à unificação da nação.

São através das publicações da imprensa que ocorre o que Barbosa (2007), chama de “materialização do Estado”, ou seja, são nesses discursos disseminados pelos jornais que difundem a população os simbolismos do Estado Novo. Ainda segundo a autora, “[...] o lugar de operacionalização da linguagem e da ideologia estadonovista é a imprensa e os novos meios de comunicação [...]” (BARBOSA, 2007, p. 113).

Através das publicações da imprensa eram divulgadas as datas de um calendário cívico estadonovista, como as de cerimônias cívicas, a Semana da Pátria e os desfiles públicos. Também estavam presentes nos discursos da imprensa valores

como ordem, disciplina, lealdade, patriotismo e civilidade. Nessas publicações eram criados e disseminados símbolos e mitos referentes ao Estado Novo, como a figura do chefe protetor, nesse caso Getúlio Vargas visto como “pai dos pobres”.

Os rituais diários compostos por práticas cotidianas de dever cívico, como jurar lealdade à bandeira, cantar o Hino Nacional e outros hinos patrióticos (realizados nas escolas e repartições públicas), ou práticas difusas de consumo de informações produzidas pelo Estado sobre si mesmo (como ler os jornais sob censura ou sintonizar a Hora do Brasil) permitiram a naturalização do Estado (e da liderança política que o controlava) como instância mediadora das relações entre o “povo” e a “nação”. (PARADA, 2007, p.43)

Também é nessa busca pela construção da categoria nação que surgem os discursos de um “ideal de brasilidade construído no negativo dos estrangeiros.” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 93). Para minimizar a presença de culturas e influências estrangeiras, foram adotadas diversas medidas, como a proibição de publicações em outros idiomas, a retirada de imigrantes do litoral e o seu deslocamento para o interior evitando que eles mantivessem comunicação com seus países de origem e também a hostilização e barbarização da imagem dos imigrantes e seus descendentes que ao não abandonarem seus velhos costumes ameaçavam a construção da identidade brasileira.

Tendo em vista a importância da imprensa nesse período, foi criado por Getúlio Vargas em dezembro de 1939 o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que manteve constante censura e vigilância no que era publicado no país e que também era responsável pela utilização da imprensa como um meio de propagar mitos sobre o regime. Segundo José de Melo Souza (2003), alguns dos principais objetivos do DIP eram:

“centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna e externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessava a propaganda nacional”. (SOUZA, 2003, p. 107)

Segundo Barbosa (2007, p. 122), as divulgações da imprensa nesse esforço pedagógico podiam acontecer por adesão ou coerção, muitos dos jornais que não agiram de acordo com as regras sofreram censura e acabaram fechando, já que além da repressão eles sofriam com a negação de publicidade e não faziam parte do sistema de financiamento indireto ao papel importado, no qual o custo do papel com a ajuda do governo ficava por um preço muito mais barato.

Numa escala regional, Márcio Pereira (2010) aponta que:

No estado do Paraná, os periódicos tiveram a responsabilidade de legitimar a ideia de que era necessário construir um país soberano e seguir sem titubear o projeto de nacionalidade, não importando os esforços que fossem necessários para tal fim. (PEREIRA, 2010, p.136-137).

Na cidade de Ponta Grossa interior do Paraná, também podemos observar características de cunho nacionalista nos textos de um dos principais jornais da cidade e do interior do estado no período.

Muitos estudos sobre a história através da imprensa apontam a importância de se saber quem é o público consumidor do jornal. Embora essa pesquisa não se dedique a buscar compreender qual foi a recepção dessas publicações por parte da população pontagrossense - nosso foco consiste na análise da produção discursiva do jornal Diário dos Campos- é importante delimitar características gerais da sociedade pontagrossense do período.

Na década de 1940 a cidade de Ponta Grossa era considerada a principal cidade do interior paranaense, segundo Niltonci Chaves (2001), da sua população de 38.417 mil habitantes, 6,68% do total era composta de imigrantes, vindos principalmente da Alemanha, Itália, Polônia, Rússia, entre outros países.

Entre a população ponta-grossense podiam ser encontrados representantes de projetos e concepções antagônicas, como católicos, espíritas, protestantes, maçons, comunistas, integralistas, entre outros, todos compartilhando de um mesmo espaço geográfico. (CHAVES, 2001, p. 151)

Na primeira década do século XX foram fundados vários jornais na cidade; a maioria deles não conseguiram se continuar ativos por muito tempo. Aquele que se tornou o principal órgão da imprensa de Ponta Grossa foi lançado com o nome de O

Progresso em 1907, posteriormente em 1913 passou a denominar-se *Diário dos Campos*.

Em diversas matérias publicadas pelo *Diário dos Campos* no período da 2ª Guerra Mundial, são apontados os esforços do jornal na divulgação para o público leitor de temas derivados dos deveres patrióticos dos cidadãos brasileiros conscientes.

Sabemos de acordo com Chaves (2001) que embora na década de 1930 o jornal fosse considerado de acesso reservado a pessoas abastadas, o *Diário dos Campos* era o jornal mais lido pelo povo de classe média baixa.

Diante do acima exposto, o presente trabalho se origina de um projeto de pesquisa em andamento, que busca analisar historicamente o discurso dos textos produzidos pelo jornal *Diário dos Campos* que abordavam os temas referentes à relação entre o Brasil e a 2ª Guerra Mundial no período compreendido entre os anos de 1939 a 1945, em especial o “apelo” que faziam à sociedade pontagrossense no sentido da adoção de determinadas atitudes e comportamentos cívicos.

Neste texto apresentamos a análise de duas publicações do jornal no ano de 1942, que tratam a respeito do papel dos brasileiros, em especial do cidadão pontagrossense, em relação a tomar um posicionamento nacionalista e hostilizar o inimigo.

Como metodologia utilizamos o método proposto no livro *A pesquisa em História* no qual, Maria Vieira, Maria Peixoto e Yara Khoury (1991), propõe uma técnica desenvolvida por elas junto a alunos de graduação, a qual pretende “desmontar o discurso” para entender as representações do real e os projetos que o jornal analisado realiza. Para tanto, foram criadas fichas que procuram identificar quais as representações que o jornal faz do real, os caminhos para alcançá-los e o projeto de sociedade que o discurso apresenta. Nessas fichas também são apontados os destinatários, nessa parte procura-se determinar os sujeitos presentes no discurso jornalístico, ou seja, quem fala? Para quem fala? Como fala? De quem fala? Por quem fala? As autoras também apontam a necessidade de se atentar ao uso de adjetivos generalizantes e a palavras-chave que buscam criar noções ou generalizações, se utilizando também de associações ou oposições de ideias.

Tal técnica contribui nessa pesquisa no sentido de organização do material selecionado, identificando as principais características do discurso das publicações selecionadas. Buscamos colocar essa metodologia de “desmontar os discursos” em diálogo com outros estudos sobre a análise de jornais e análise de textos e discursos, como os de Tânia Luca (2005) que ressalta a importância de se historicizar a fonte; ou seja, além de observar as características textuais, também devemos dar atenção a aspectos como a produção e distribuição desses discursos.

Seguindo essa noção de historicização da fonte, precisamos, ainda, observar questões referentes às técnicas de estruturação do jornal, o espaço que uma notícia ocupa versus sua relevância, as divisões de conteúdos, os elementos gráficos, entre outros. Entendendo que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (LUCA, 2005, p. 132).

Para a análise selecionamos duas publicações do ano de 1942, a escolha por esse período se dá devido aos discursos passarem a ter uma dinâmica local do fenômeno global, inicia-se então a mobilização da população pontagrossense e do interior do estado no alinhamento em prol da pátria. A partir do reconhecimento do estado de beligerância as publicações passam a ter também um tom de investida contra o inimigo.

No dia 3 de setembro de 1942 o jornal Diário dos Campos publicou o texto “O Exemplo de Ponta Grossa”, o espaço destinado a ele é toda a parte lateral direita da primeira página, a primeira percepção é o destaque que esse texto recebe tanto pela sua localização quanto pelos seus elementos gráficos, já que sua letra além de ser maior que a dos outros textos presentes na página, também se distingue porque está em negrito.

No que se refere ao diagnóstico ou representação do real verificado ao desmontar o discurso, percebemos que ele se inicia tratando sobre os acontecimentos gerais, nesse caso o Brasil é colocado como “torpemente agredido” frente à guerra, a partir desse ponto o texto passa a se referir a seu título e destaca os esforços que estão sendo empreendidos pelos cidadãos pontagrossenses utilizando o seu civismo para servir o Brasil, atitude a qual o jornal sugere que todos deveriam tomar como exemplo.

Nessa publicação, embora não contenha a informação do nome do autor, o jornal Diário dos Campos se apresenta como empenhado em encabeçar a missão patriótica de mobilizar esforços por uma “empreitada patriótica”, “servindo devotadamente as causas do Brasil”.

Como propostas do texto percebemos que é destacada a importância de “servir o país na defesa de sua dignidade ferida e salvaguarda da Liberdade, do Direito e da Civilização”.

Para que tal objetivo seja conquistado, o discurso aponta que será necessário uma “conduta cívica” a qual provem do “amor e exaltação do Brasil” e também da “Repulsa aos seus ignóbeis e covardes inimigos”, ou seja, claramente destacados como as potências do Eixo.

Ao analisarmos a publicação percebemos que ela se destina para todos os leitores, especialmente aos chamados “brasileiros conscientes”, que de acordo com o jornal deveriam seguir o exemplo dos pontagrossenses a favor da pátria e do civismo e contra o traidor, seja ele “declarado ou dissimulado”. Essa questão de traidor declarado/dissimulado aparece em diversas publicações do jornal, considera-se como traidor declarado aquele que é alemão/ italiano e seus descendentes que não se mostram contrários aos governos de seus países de origem, e como traidores dissimulados aqueles que se dizem com o Brasil, mas que não demonstram uma atitude ofensiva contra o inimigo.

Como palavras-chaves, destaca-se “empreitada patriótica” que remete a ideia de que está em andamento um esforço de todos em prol do patriotismo e fortalecimento da nação, tal mobilização é retomada nos trechos em que o texto aponta atitudes de civismo e símbolos nacionais.

Percebemos também que o discurso se utiliza de algumas estratégias retóricas, como a oposição de ideias, nesse caso, o maniqueísmo a oposição entre o Bem e o Mal, é utilizado na representação do inimigo como covarde e agressor, enquanto que o patriota está defendendo o Brasil que está do lado da “Liberdade, Direito e Civilização”.

No dia 13 de outubro de 1942 o jornal Diário dos Campos publicou o texto “Assim falam os brasileiros conscientes”, o espaço destinado a ele é toda a parte lateral esquerda da primeira página, ele também tem a localização destacada e os

seus elementos gráficos recebem o mesmo tratamento do texto anterior, suas letras além de maior que a dos outros textos presentes na página também está em negrito.

O texto se refere ao momento em que “o mundo civilizado mobiliza suas forças para esmagar o nazismo tirânico e sanguinário”. Nessa frase percebemos a utilização de palavras que remetem sentido negativo ao inimigo, nesse caso o nazismo. Nela também percebemos a clara oposição entre o inimigo sanguinário e o Brasil representado pela civilidade.

Nesse texto, assim como no anterior, o discurso ressalta que o país foi “agredido torpemente, põe a prova o patriotismo de todos os seus filhos” e que “o Brasil foi vítima de crime, traição e selvageria”. Nesse sentido vários elementos do texto buscam retratar a agressão do inimigo contra o país.

Para relacionar tais acontecimentos com a esfera local, são citados exemplos de indivíduos da comunidade pontagrossense, apresentados como modelo de comportamento patriótico que todos deveriam adotar. Com isso busca-se demonstrar que a mobilização do jornal estaria se ampliando na sociedade pontagrossense.

Novamente são apontados os “esforços desmedidos” do Diário dos Campos de cumprir o dever patriótico, com isso o jornal se posiciona claramente e age no sentido de compelir a população a fazer o mesmo.

Nesse texto podemos observar como propostas “Imprimir amplo clima de guerra nesta parte do Brasil”, ou seja, no Paraná; “formar uma poderosa mentalidade ofensiva” e a importância do Patriotismo.

Como caminhos para isso podemos identificar que o jornal aponta valores como: disciplina, união dos brasileiros, acatamento e obediência às autoridades. E ações como “manifestar execração profunda a Alemanha e Itália”.

As palavras utilizadas e as noções que elas remetem, dão uma orientação mais agressiva a esse texto, o Diário dos Campos passa a utilizar uma abordagem buscando uma atitude ofensiva, na qual ou se é realmente patriota ou se é traidor, não existe meio termo.

Percebemos que a publicação destinada a toda a população consciente, coloca-os contra os bárbaros, nesse caso os alemães e italianos, e contra os pacifistas traidores, que seriam os traidores dissimulados tratados anteriormente.

Nesse texto a palavra bárbaro associada aos inimigos alemães e italianos resume várias características negativas que são atribuídas a eles durante toda a publicação, eles são vistos como selvagens (não-civilizados), criminosos, covardes, agressores, tirânicos e sanguinários. Os quais, traem os princípios tidos como sagrados e que pretensamente são adotados no Brasil, como a Liberdade e a Democracia.

Percebemos também que ideias opostas se unem no discurso de “pelo bem da pátria”, nesse caso associa-se a ideia de que o brasileiro amante da paz também saberia se mostrar dotado de um “espírito agressivo”, porém patriótico, quando compelido a isso.

A análise dessas duas publicações complementam o que vem sendo observado no levantamento inicial das fontes selecionadas para a pesquisa em andamento. Ambos os textos se inserem no discurso nacionalista do período, um dos seus diferenciais nesse caso, é que eles são produzidos pela equipe do jornal Diário dos Campos e não chegam prontos através das agências de notícias, como muitas das outras publicações que figuram a primeira página diariamente.

Outro diferencial é como os reflexos dos acontecimentos globais são representados nos textos dedicados à sociedade local, ou seja, o Diário dos Campos, assim como diversos jornais do período, publicou discursos vigentes nacionalmente, o que nos interessa é perceber como essa produção discursiva local reafirma tais discursos da lógica nacional numa perspectiva direcionada a população pontagrossense.

Cabe aqui mencionar que a cidade de Ponta Grossa no período era representada, tanto nas publicações como nos discursos políticos, como uma “cidade civilizada” e como a “Capital Cívica do Paraná”.

Chaves (2001) aponta que tais discursos buscavam reforçar a ideia de Ponta Grossa como uma cidade exemplar nos moldes do Movimento Paranista, a qual é retrata como urbanizada, progressista, ordeira, com vida cultural intensa, e que,

principalmente, fornecia apoio incondicional a autoridades do governo, como Manoel Ribas e Getúlio Vargas.

A expressão Capital Cívica do Paraná que aparece em diversas publicações do jornal no período é atribuída às manifestações de apoio e festejos da população da cidade quando Getúlio Vargas, que estava em estadia em Ponta Grossa, recebeu a notícia da resolução que o colocava na presidência da República.

Ambas as publicações ressaltam tal representação da cidade e reforçam o discurso e o apelo do jornal de que as atitudes dos pontagrossenses nesse momento deveriam ser exemplares para toda a nação.

Para entender o apelo que esses textos faziam à sociedade pontagrossense, é necessário perceber que o nacionalismo em voga no período evocava um sentimento de lealdade. Hall aponta que “uma cultura nacional é um *discurso* = um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 1992, p. 50).

Também observamos que nas duas publicações o discurso do jornal retrata o estrangeiro como um bárbaro agressor e incita os pontagrossenses a tomarem uma atitude de repúdio para tudo que não seja nacional, inclusive incentivam aos imigrantes e seus descendentes a manifestarem rejeição aos seus países e culturas de origem em prol do fortalecimento da nação a qual eles escolheram pertencer. Aqueles alemães, italianos, descendentes e simpatizantes que não o fazem, ficam a partir de então sob suspeita e passam a ser vigiados pelos cidadãos exemplares da cidade.

Diante do acima exposto, podemos perceber que em ambas as publicações analisadas, o discurso do jornal Diário dos Campos emprega características locais na reafirmação dos elementos presentes nos discursos nacionais, como a mobilização na criação de uma identidade nacional afirmada na barbarização do inimigo, com isso, inserem tal produção na dinâmica urbana da cidade de Ponta Grossa.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900/2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CHAVES, Niltonci Batista. *A Cidade Civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/ Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-56.

PEREIRA, Márcio José. *Politizando o cotidiano: Repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em História)_ Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria do R. da C.; KHOURY, Yara M. A. *A pesquisa em História*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 50-64.

Fontes:

“O exemplo de Ponta Grossa”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 03 de setembro de 1942.

“Assim falam os brasileiros conscientes”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 13 de outubro de 1942.